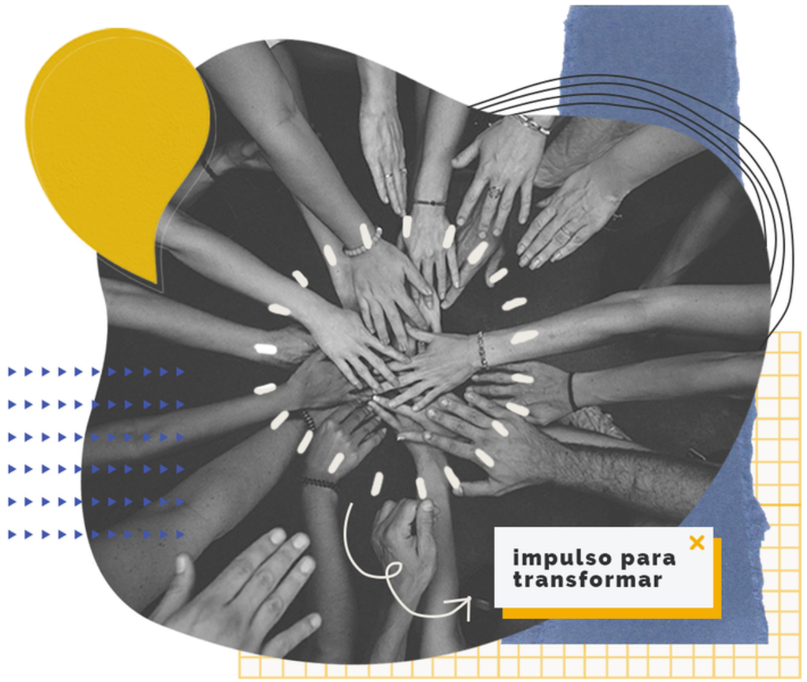
MATERIAL COMPLEMENTAR

O QUE FAZER QUANDO NÃO SE SABE O QUE FAZER

um curso prático de intervenção social

diálogos sociais



Sobre nós

A Diálogos Sociais é uma empresa que busca **apoiar humanos impulsionados a transformar realidades e promover dignidade para o outro**, por meio de consultoria e treinamentos com metodologia única através de uma rede de parceiros.

Este material tem um propósito:

Fornecer ferramentas para transformar realidades. E ferramentas precisam ser usadas, então o segredo é estudar e partir para ação. Conte com a gente!

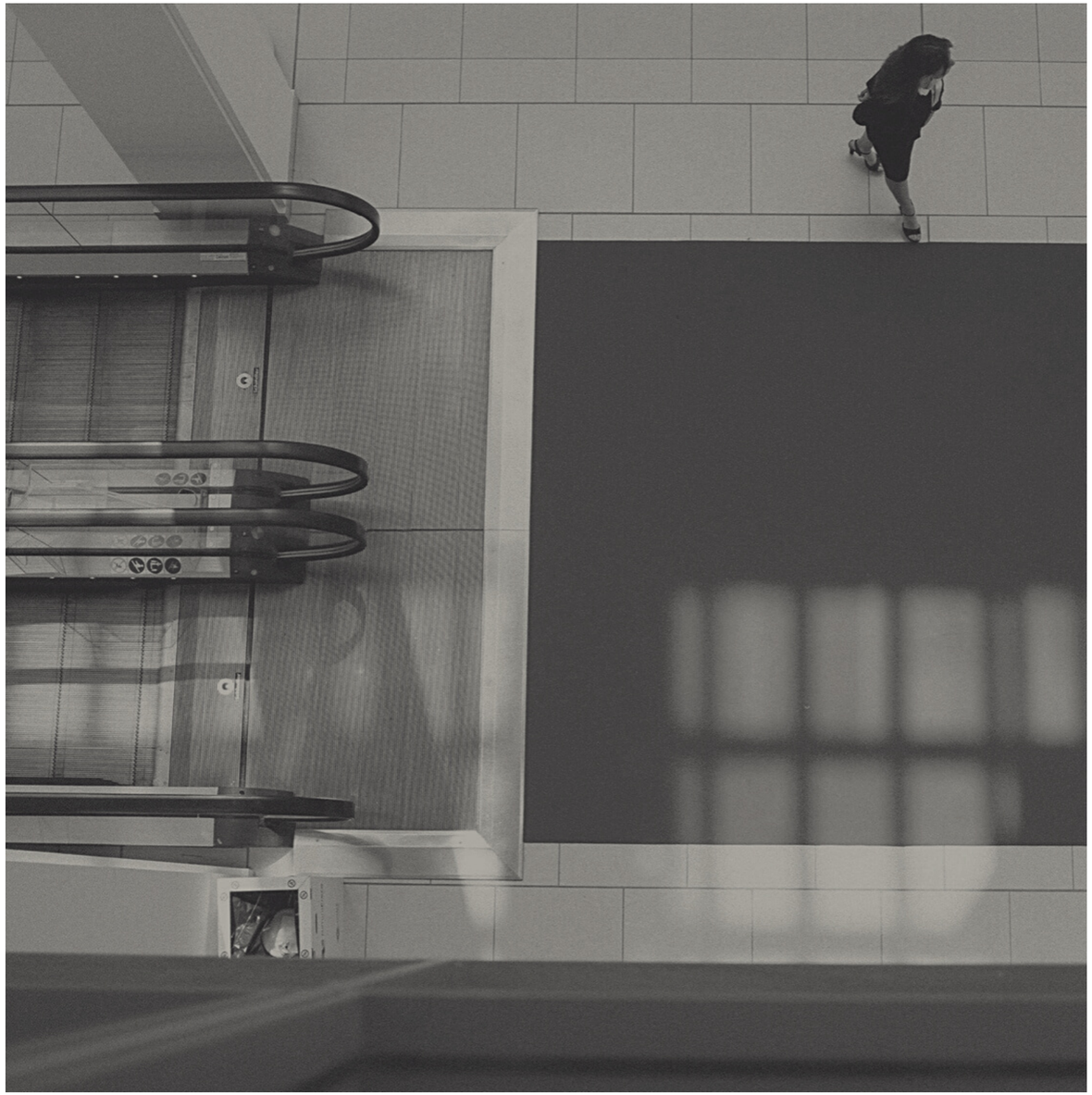
Esse material pode (e deve) ser reproduzido, compartilhado e, principalmente, aplicado. Se possível, nos avise e mencione a Diálogos Sociais para que outros possam se conectar conosco e o diálogo seja ampliado.

diálogos
sociais

"Quem tem o impulso de transformar já pode realizar pequenas grandes mudanças."

Jader Pires





INTRODUÇÃO

O que fazer quando não se sabe o que fazer

por Jader Pires Lopes

Andar descuidado. Tropeços. Buracos ao longo do caminho que não foram vistos. Alguém grita e lhe rouba um pouco de atenção. Hummm, aquele cheirinho de pão de queijo saindo do forno da padaria que você acabou de passar. Certo, vou entrar! Afinal, bateu a fome né? Volto pra jornada.

Qual era mesmo o meu destino? Ah sim, de volta ao banal, ao ermo do funcionalismo que faz a máquina da economia girar. Ou simplesmente acordo de um devaneio saudoso, até meio duvidoso, pois estou em tipo de prisão domiciliar provocada por alguma coisa na atmosfera que os meios de comunicação insistem em dizer que é mortal. Talvez seja! Minha tia sempre manda recados no grupo da família terríveis sobre esse tal vírus. Volto pra máquina, ela precisa rodar. Eu sou o rato que corre, mas que queria fazer algo enquanto isso e não sabe o que.

Se identificou? Pois eu não estou contando a realidade de um amigo, ou de alguém que encontrei por aí e veio chorar as mágoas. Estou falando de um estado de espírito pelo qual vaguei por muitos anos.É notório nos deixarmos envolver pelos rígidos fluxos que essa sociedade moderna impõe pra gente desde que nascemos. O tal dinheiro é necessário, mas nem ao menos entendemos porque esse pedaço de papel tem tanto valor! Só sabemos que precisamos cada vez mais dele e que ele corre mais que vento.

Pois bem, já está na hora de sair dessa introdução e começar a chegar no que quero tratar neste texto. Mas preciso que você entre comigo neste ambiente ordinário, cotidiano, monótono e repetitivo. Esse é o terreno onde se instala a prisão do impulso transformador da sociedade. A estafa do eu!

Enquanto corremos atrás da nossa estabilidade (e eu acredito nisso com muita sinceridade), todos nós humanos ainda mantemos em nós um desconforto com o disfuncional, com a realidade que não se encaixa.

Sabe aquela parte da humanidade que não acessa comida? Você costuma percebê-la nos sinais, em frente a comércios ou em áreas de grande concentração de outros humanos (talvez acreditem que o fato de serem humanos seja suficiente para serem reconhecidos como parte da humanidade). Enfim....

Sabe também aquela parte da humanidade que precisa abrir mão de sua própria dignidade, se deixando ser usada por outros humanos, apenas para um tipo de gozo estranho que, mesmo estando tão grudados, não poderiam estar mais distantes?

Ou ainda quando você vê aquele protótipo de humano em formação, ainda nos estágios iniciais antes de alcançar a sua maturidade, e não faz sentido pra você um ser tão frágil estar desguardado ou desprotegido assim, à mercê dos perigos que a cultura criada por sua própria espécie dispensa contra ele?

Isso eu te falo com todo carinho, querida pessoa corajosa por andar comigo até aqui. Isso nada mais é que a sua percepção de que algo não está no lugar certo. A pior parte: Apesar de saber que não está certo, você não entende o que vê e nem onde, ou como, esta situação deveria estar. O que você faz?

O que você faz?

Bem, muito difícil de responder essa pergunta pois não faço ideia de quem é você que está lendo este texto. Rsrsrsr. Só consigo imaginar três tipos de pessoas: As que colocam a mão, as que chamam alguém, e as que passam.

Essa realidade é impossível de ser negada nos seus

dias. O COVID-19 te colocou com menos tempo para conviver com a rua, mas a humanidade apareceu de pronto nas telas dos seus dispositivos de interação social.

Uma menina do outro lado do mundo grita que o planeta morre. Mais um negro é morto por um policial ao norte de onde você deve estar. Um terremoto abalou a estrutura de um sem número de famílias em uma região pouco próxima. A fome, AIDS, miséria e outras doenças assolam outros humanos pouco distantes a sua direita.

É, não dá pra correr. Mesmo dentro de casa, a degradação humana te acompanha e você fica cada vez mais atado. E a grande pandemia é o adoecimento da solidariedade daqueles que estendiam as mãos ou a transformação dos dispostos a agir a uma condição de serem meros espectadores do definhar humano.

Espero de todo coração que essa insensibilidade patológica, desenvolvida pelo excesso de consumo do “eu”, bem como da supervalorização das necessidades que este ser possui, ou conduza a humanidade a um surto de solidariedade espontânea ou que o corpo humano receba de alguma forma o remédio necessário para sua cura.

Pelo contrário, temo pela escassez de humanidade em nossos dias a despeito da produção em massa de pessoas nascidas humanas.

Mas o que fazer? Com atenção, entenda esse primeiro ponto. Não negue. Não despreze sua humanidade e sua habilidade de perceber as falhas na matiz. Sinta o cheiro estranho que emerge do disfuncional e se atente a ele. PERCEBA!

Em último ponto, como dica prática, quero te indicar três coisas: **Olhos, Ouvidos e Mãos!**

Olhos, ouvidos e mãos

Observe a cena. Os olhos foram feitos para se extrair dados do externo para o interno. Contemple os detalhes, eles não devem receber sentido de dentro de você, você precisa enxergar o contexto deles, o que realmente acontece no que vê. A interpretação não surge do livro que você leu, ou da vizinha que você conhece, mas da cena em si e dos personagens que a compõem especificamente. Veja o que está fora de você!

Ouça bem as histórias e considerações. Seus ouvidos também são feitos para receber dados externos que não estão dentro de você! (em resumo, o que você pensa deve ser o último referencial para analisar o fato em si). Existem percepções que não são conhecidas por você, apenas seus ouvidos podem te dar acesso a elas e a como cada personagem (daquela cena que te mostrou um desajuste humano) entende que foi parar ali.

Indicar, apoiar, reprimir, disciplinar, acolher, acalmar, louvar, acenar, proteger, enfim, agir. São estas algumas das utilidades para suas mãos. Pela sua variedade de opções, você precisa estar muito bem munido pelos seus olhos e seus ouvidos para saber qual a melhor forma de usá-las, o que mais será útil no momento. Acenar para que alguém com melhores condições que você venha ajudar aquele humano. Ser um suporte para que ele possa sair do buraco onde caiu. Limpar suas vistas. Remover entulhos que podem estar ainda sobre o humano. Entre muitos outros fins.

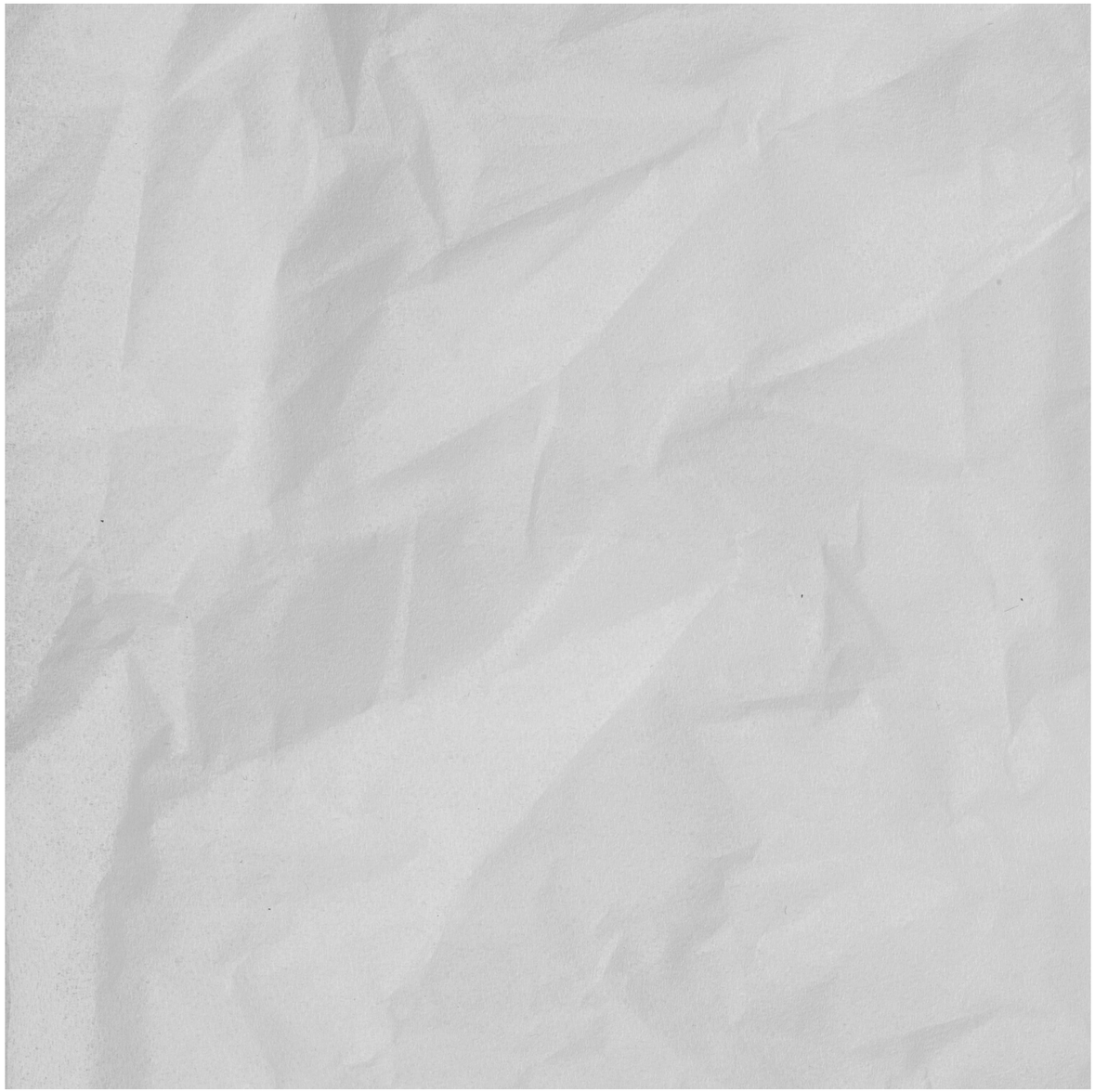
Conclusão

Sabe agora o que fazer quando não se sabe o que fazer? Veja, escute e estenda a mão com sabedoria para resolver a verdadeira necessidade identificada. Alguns momentos, melhor nem usar as mãos, talvez você não seja necessário ali. Entenda-se no contexto, mas não negligencie sua insatisfação com o desajuste humano..



MÓDULO 1 - CONTEXTO

ENTENDENDO DESDE O COMEÇO O QUE EU PRECISO ENTENDER



Começando do zero

por Jader Pires Lopes

Após me formar em Serviço Social comecei a atuar diretamente no atendimento a pessoas que foram vítimas de algum tipo de violência. Abusos, opressões, pancadaria, humilhação, tortura, entre outras formas de degradação humana foram uma realidade que eu, um jovem de 22 anos recém formado, tendo crescido em ambiente familiar que promovia proteção e cuidados, tive um choque inicial para lidar.

Inúmeras foram as vezes que tive noites perturbadoras por sonhar com familiares sofrendo e cometendo violências uns contra os outros. Ali, eu experimentava algo que só havia ouvido falar: Existe alguma coisa incrivelmente errada na humanidade, e a violência é uma das expressões disso.

Essa convicção se consolidou no decorrer do tempo. O texto em si não tem a pretensão de contar uma biografia ou parte da minha história, mas se vou falar de como as coisas começam, como movimentos como a Diálogos Sociais inicia, eu preciso que você entenda o impulso, a veia, a força motivadora que nos empurra para desafios cotidianos de implantação de serviços de promoção da vida humana e sociabilidade saudável.

Todos aqueles que construíram caminhos pensados em como levar socorro e ajuda para o outro, creio eu, possuem esse impulso, essa força motora. Seu combustível, no entanto, é incerto. Começar do zero implica em se perceber na história humana, seu lugar nessa loucura toda construída, vivida, experimentada e reproduzida, antes mesmo de você chegar.

Para você que tem um movimento assim em seu íntimo, eu te digo: observe suas interações e suas forças. Converse com pessoas e se veja no espelho que é o outro. Como você se reverbera na sua comunidade. E como o seu impulso se manifesta. Principalmente: de que ele se alimenta.

Começar do zero é construir algo que apenas se imagina como será. Posso estruturar algum planejamento, ou captar certos recursos. Posso também sair atirando pra todo lado e jamais acertar alvo algum. Posso também passar um bom tempo

sendo levado pela correnteza da vida, à deriva, mas sempre com a sensação de que me distancio cada vez mais do meu Norte.

Eu percebi algo nesse começo que hoje está claro pra mim: Há algo de muito errado com a humanidade. Esse é o meu impulso, ficar incomodado e insatisfeito com os desdobramentos daquilo que é danoso no humano, sua fúria, ganância, insensibilidade, inaptidão para perceber o outro, entre outras coisas, que produzem cada vez mais desigualdades e riscos sociais. Essa também é a base da produção de vulnerabilidades sociais e comunitárias.

Ora, seria muito fácil pensar que na violência, algo errado estava no agressor, o que é muito comum de se deduzir. Mas a minha caminhada não acabou no primeiro passo. Ela apenas começou (óbvio!), e o que vi mais adiante foi o que começou a estruturar as bases do que nesse tempo começa a nascer de forma concreta. Pessoas que precisavam de ajuda eram exploradas por pessoas que ofereciam ajuda.

Pensa, que loucura! Ao “fazer o bem” na verdade a pessoa reproduzia violência. Ela reforçava a miséria e reproduzia mais e mais pobrezas em seu entorno. Se eu te fizer pensar no meu impulso como o terreno no qual construirei a estrutura do projeto, esse cenário amadurecido se mostrou como essencial para firmar as bases dele.

Você pode dizer ser normal esse comportamento pois em todo lugar temos “pessoas más”. O que aprendi foi muito mais chocante: as tais “pessoas boas”, movidas por um desejo genuíno de fazer algo de bom pelo outro, acabavam machucando, violentando, desprezando e outros “andos” mais na

busca por fazer o que elas acreditavam ser o "bem".

Convicções religiosas, histórias de superação pessoal, necessidade de se redimir de algo que fez ou até mesmo a aclamação pública e o louvor que recebe de um trabalho bem feito, podem ser os gatilhos de impulso de alguém para o trabalho de ajuda humana. Eles porém, se não forem compreendidos e de forma madura localizados no universo que é o trabalho, podem impulsionar o tal “benfeitor” a desenvolver atitudes agressivas e que causam dor.

Sei que você gosta de um bom exemplo, então lá vai. Trabalhei com uma Organização da Sociedade Civil por um tempo que compreendiam ter no seu conjunto de crenças a resposta para os conflitos humanos, porém, eles não conseguiam perceber que, ao impor esse conjunto de regras de fé e prática, eles acabavam acusando outras pessoas de coisas que nem eram crimes. Essa postura era imposta privando os beneficiários de acessar direitos ou limitando-os a formas subjugadoras de opressão. Coisas como fazer uma tatuagem, usar uma roupa não convencional, ou simplesmente ter uma aula de zumba, eram rechaçadas como se fossem um veneno mortal para a alma dos seus beneficiários.

Não estou aqui construindo um discurso contra estruturas de fé ou conjunto de valores que cada associação possua, mas, convenhamos, por mais bem intencionados que esses gestores estavam, claramente a agenda deles estava mais centrada em promover as suas ideias do que no cuidado humano e social. O humano ali era fator secundário.

Começar do zero é saber que você precisa de um

esquema pra não se distrair no futuro e nem se perder, mas manter a habilidade de se transformar sem abrir mão da sua essência. Aprendi com um grande líder coordenador de uma OSC que de tudo o que se faz dentro da Organização, é sempre necessário manter claro para todos o seu DNA. Então eu te digo sinceramente, se quer começar do zero, te aconselho, estruture o seu DNA e descubra qual o combustível você tem usado para abastecer o seu impulso. Pode ser o valor à vida humana, ou pode ser o valor que o humano dá para sua vida. Pode ser a pura e simples construção de uma sociedade mais justa, ou uma sociedade que se ajusta ao que você quer. De qualquer forma, algo pode ser feito, o que eu quero, é que combustíveis contaminados não sejam usados para abastecer o impulso de transformadores sociais.



Sem fins de prejuízo

por Giovanna Bigarelli Martin

Precisamos conversar.

Esta semana, li um texto que trazia uma reflexão de como as organizações da sociedade civil (OSCs) são extremamente relevantes para a sociedade. No entanto, geralmente compreende-se que suas atividades devem ser desenvolvidas através de trabalho voluntário e que, para o público vulnerável que atendem, o que elas oferecerem será lucro. Ah,

e esse talvez seja o único momento em que o lucro irá aparecer no seu dia a dia, já que essas organizações também são “sem fins lucrativos”.

O texto trazia a tona essa ideia fantástica de que as OSCs, na verdade, precisam ser “sem fins de prejuízo”, afinal, elas possuem expertise única para resolver os problemas e as dores e geram transformações e impactos profundos na sociedade! Além do mais, são compostas por pessoas que se dedicam por incontáveis horas nas atividades da organização e que tem vida, família e contas para pagar. Que virada de chave, meus amigos!

Precisamos conversar porque é urgente desmistificar essa ideia de que as OSCs podem viver na base do voluntariado e com poucos recursos. Afinal, como irão investir em gestão, reter talentos, captar recursos e expandir suas atividades e impacto, se não mudarmos o mindset e elas começarem a ter lucro nas suas operações?

Gestores de OSCs, essa provocação de mudança de entalidade também é para vocês! Não sintam culpa em ter lucro, porque o seu beneficiário precisa disso, para que vocês, no mínimo, incrementem a sua atuação e sua infraestrutura, capacitem ainda mais seus profissionais e expandam seu impacto.

Um importante parêntesis aqui: o que é lucro? De uma forma bem simplista, lucro é o retorno positivo de um esforço, depois de deduzido os gastos com ele.

Uau! E eu posso reinvestir esse retorno na própria organização? Sim, e deve. E eu não preciso tirar vantagem de ninguém para ter lucro? Não. Nem explorar, extorquir, ludibriar, trapacear e afins?

Também não. Chocante, né?

Compreender o conceito mais básico de lucro e incluir a intenção de ter retorno positivo em nosso planejamento e nossa estratégia é imprescindível. Essa mentalidade convertida em atitude permitirá que as OSCs sejam muito mais eficientes e comecem a estar uma casa à frente no jogo. Porque, operando hoje sem ter finalidade de lucro, as organizações correm o risco de assumir prejuízos e viver na corda bamba e no stress de vender o almoço para pagar a janta. E vamos e convenhamos que essa situação é angustiante e geralmente nos tira a paixão que temos pela causa, não é mesmo?

Precisamos dar valor ao impacto social, não só gerado pelas OSCs, mas também pelos Negócios Sociais e começamos a fazer isso mudando nossa mentalidade. É possível transformar a maneira como vivemos em sociedade com pequenas viradas de chave como essa. E se quiser colocar a mão na massa, invista recursos, esforços, tempo ou conhecimento em causas de impacto!



O que quero e o que faço

por Jader Lopes Pires

Há um tempo atrás ouvi de um grupo de mulheres sobre uma ação que estas se mobilizaram para fazer junto a outras que estavam em situação de rua. O sentimento genuíno de fazer algo por alguém foi tomado como único fator necessário para convoca-las à ação: “Sentimos que lhes falta algo e queremos ajudar”.

Esse é o movimento que boa parte da humanidade desenvolve de alguma forma ou outra. Alguns mais, outros quase nada, mas gosto de pensar que esses casos são meio raros de se encontrar. O que fica de fundamental nessa ideia é que o movimento parte de um sentir, uma certa empatia e um quase reflexo de realidades opostas ou aparentemente diferentes entre quem quer ajudar e quem precisa dessa ajuda.

Ora, o desejo de ajuda nada mais é do que a percepção de que alguém precisa de algo que a pessoa possui ou acessa facilmente, e que não lhe e muito custoso abrir mão. Pelo contrário, tal ajuda pode lhe render boas riquezas subjetivas, título de benevolente ou de transformador social. Talvez o ganho que esta boa alma terá está de alguma forma ligado a um sentimento reparador ou protetor, quando percebe traços da sua própria história na aparente miséria que vê no outro.

Voltando para nossas amigas do grupo de mulheres, acho que vale a pena descrever o contexto delas. Eram mulheres de famílias tradicionais, com renda suficiente para que pudessem escolher se queriam trabalhar ou não. Uma grande parte delas tinham filhos que já possuíam outros filhos. Certamente eram pessoas que precisariam de um pouco de tempo para compreender a realidade das que, apesar de serem também mulheres, viviam em um contexto muito diferente. Mas o sentimento genuíno de oferecer apoio para melhoria da qualidade de vida de suas companheiras humanas se fez presente com uma ideia fixa e obstinada em suas mentes: “Eu quero fazer algo”.

Pronto, este é o cenário que apresenta o início de praticamente todos os movimentos sociais, organizações sem fins lucrativos, carreiras filantrópicas, projetos missionários, e talvez (com

algumas de minhas ressalvas que posso compartilhar em outro momento) do desenvolvimento de empreendedorismo social. Surge de um sentimento muito sólido e convincente: EU QUERO FAZER ALGO.

Há uma urgência e uma resolutividade neste quase que um chamado cósmico para viver por algo além de si mesmo, incluindo ao menos mais um grupo de humanos dentro de sua bolha de vida. E é justamente o ponto de maior diminuição, frustração, decepção ou desistência do que me atrevo a chamar de espírito solidário humano.

Existe um caminho entre o “querer fazer algo” e o “fazer algo” que precisa ser respeitado, no qual entendo ser composto de três elementos básicos: desejo, vontade e ação. O desejo é aquela euforia inicial que nos movimenta e nos força a sair, mesmo que brevemente do ponto de inércia. A vontade nada mais é que o veículo pelo qual saímos do desejo em direção a ação. Esta, que nada mais é se não o primeiro momento real da ideia gerada a partir de um momento de desejo. Enquanto descrevia estes elementos, várias foram as palavras, frases e parágrafos que escrevia e apagava, até perceber que aqui seria muito injusto tratar estes conceitos, pois não daria a devida atenção, mas, no mínimo, o que quero te pedir é que pense na realidade de que existe um espaço entre o desejo (querer) e a ação (fazer).

Gosto de pensar neste espaço como sendo o lugar do descobrimento da situação como um todo, afinal, não dá para ajudar alguém a sair de um buraco sem se ter uma visão clara da profundidade, estrutura, recursos disponíveis ou da força do próprio indivíduo para conseguir ajuda-lo a sair daquela situação.

De volta ao nosso grupo, estas mulheres já decididas atravessaram o espaço entre o querer e o fazer quase que com um trem bala da vontade. Olharam para a realidade das mulheres em situação de rua, mas com um olhar totalmente contextualizado a partir das suas próprias vidas. Resultado: o que entenderam que ajudaria mulheres a superarem a situação de rua, ou no mínimo uma melhora na sua qualidade de vida, nada mais era do que doar a cada mulher uma bolsa para que ela possa organizar seus pertences, como documentos, produtos individuais e outras coisas que elas tivessem por ali.

O pensamento inicial estava focado nos recursos que dispunham para fazer alguma coisa que gerasse mudança positiva naquela realidade, foi o tempo que gastaram para percorrer a distância entre o querer e o fazer. Mas ao desconsiderar características básicas do cenário como o cotidiano da pessoa que precisa de algum tipo de ajuda, ou a profundidade do buraco em que se encontrava, o ficou como destino fatídico dos recursos que elas dispunham foi o de não cumprir com o objetivo que tinham em mente, ou seja, não mudaram em nada a realidade que quiseram intervir, pois quem recebeu uma bolsa, a trocou por coisas que entendeu serem mais úteis para sua realidade.

Talvez a forma como escrevo o texto já te conduza para um tipo de “aaahhhh mas era óbvio que a ideia não era transformadora”. Porém, isso é muito comum no trabalho social quando este é desenvolvido sem se respeitar o espaço entre o querer fazer e o fazer algo. O maior risco é a tal da ajuda pela ajuda. No caso das nossas amigas, elas ficaram tão frustradas com o fim que as bolsas tiveram que decidiram nunca mais tentar ajudar esse grupo de novo e, o que creio ser ainda mais danoso,

é o fato de que se sentiram com o dever cumprido e que a pessoa ajudada é que não sabia apreciar sua atitude altruísta.

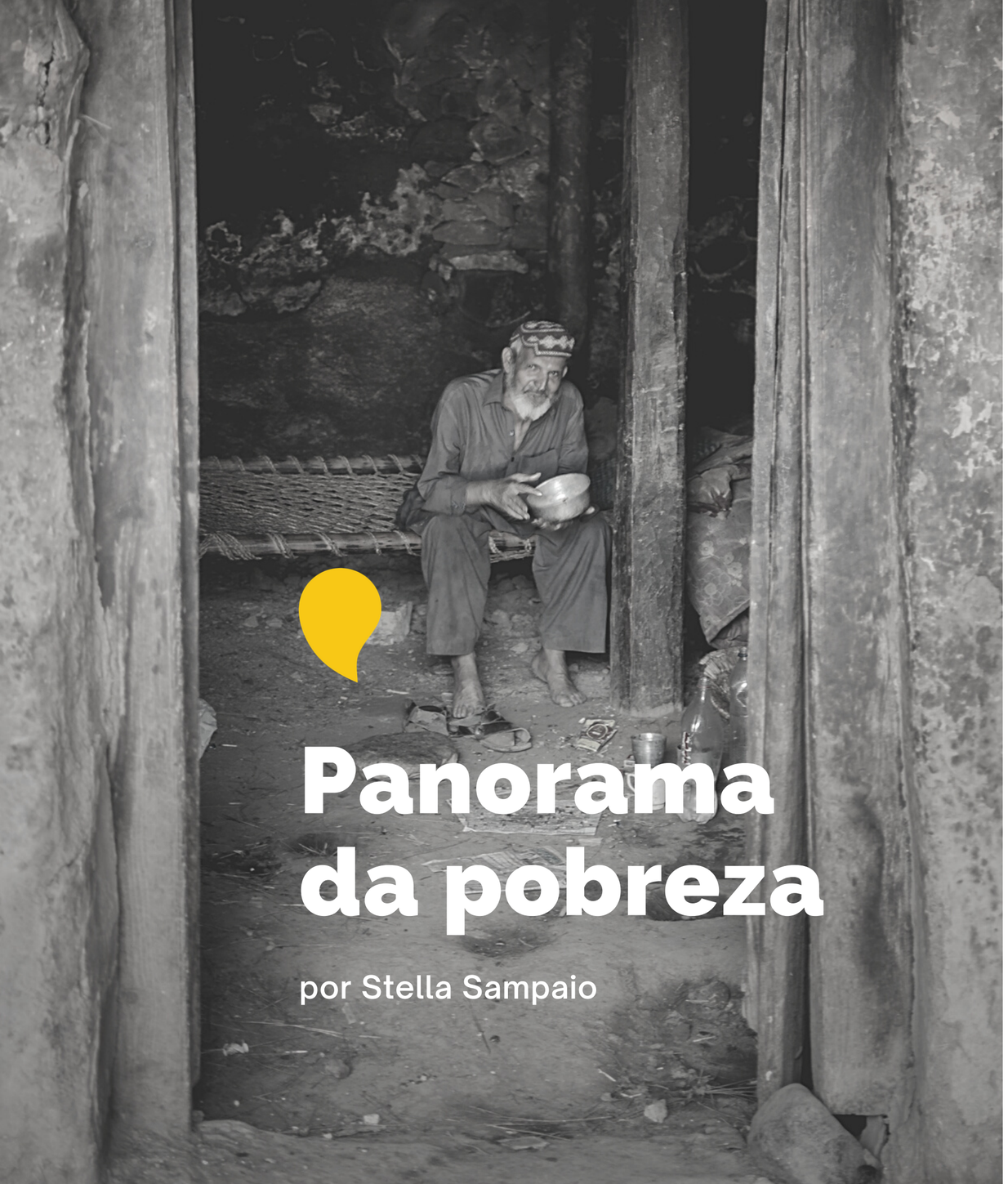
Você que já caminha no texto comigo até aqui pode se considerar alguém que, de alguma forma, ou em algum nível, desenvolve o sentimento de querer fazer algo por alguém. Diálogos Sociais surge no contexto de ser essa ponte entre quem quer ajudar e quem precisa ser ajudado. Pobrezas, exploração, violência, desastres naturais, pandemias, desigualdades, preconceitos entre outras realidades nossas expõem sempre os mais fracos a riscos muito grandes, sejam de cunho social ou de vida até. O fazer é uma parte da jornada, onde deve-se ter o envolvimento do ajudado e uma construção racional do conhecimento da realidade, tanto da situação em si quanto dos recursos disponíveis para se trabalhar.

Ao construir pontes, oferecemos ao próximo que pouco possui para alcançar uma dignidade humana mínima, a possibilidade de ser ligado a outro humano que detém estes certos recursos aliados a um desejo resoluto por fazer algo de mudança significativa.



MÓDULO 2 - QUESTÃO

HÁ ALGO DE MUITO ERRADO - IDENTIFICANDO OS PRINCIPAIS SOFRIMENTOS HUMANOS



Panorama da pobreza

por Stella Sampaio

A pobreza pode ser definida como: “uma privação pronunciada no bem-estar”[1]. Mas o que exatamente é a privação? As vozes das pessoas pobres dão testemunho eloquente de seu significado. Ser pobre é ter fome, falta de abrigo e roupas, estar doente e sem cuidados, ser analfabeto e sem instrução. Mas para as pessoas pobres, viver na pobreza é mais do que isso. As pessoas pobres são particularmente vulneráveis a eventos adversos fora de seu controle. Eles são frequentemente maltratados pelas instituições do Estado e da sociedade e excluídos da voz e do poder nessas instituições.

[1] Relatório de Desenvolvimento Mundial do Banco Mundial 2000.

Panorama da pobreza

CONTEXTO ATUAL

13,5 milhões de pessoas
vivem em condição de
extrema pobreza no Brasil.

52,5 milhões de pessoas
(25,3% da população brasileira) está
na linha de pobreza e vive com
menos de R$420 per capita por mês.

27,2 milhões de pessoas
abaixo da linha de pobreza são
mulheres pretas ou pardas.

72,7% dos pobres
(38,1 milhões de pessoas) são pretos
ou pardos.

EM RELAÇÃO A CONDIÇÃO DE MORADIA DA POPULAÇÃO ABAIXO DA LINHA DA POBREZA

56,2% desta população
(29,5 milhões de pessoas) não tem
acesso a esgotamento sanitário.

25,8% desta população
(13,5 milhões de pessoas) não são
atendidos com abastecimento de
água por rede.

21,1% desta população
(11,1 milhões de pessoas) não tem
coleta de lixo.

Panorama da pobreza

META



Erradicação da pobreza - acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável ONU

COMO ALCANÇAR

Pessoas com compromisso de promover o Desenvolvimento sustentável.

Ferramentas práticas e contextualizadas.

Estratégias de desenvolvimento a favor dos pobres e sensíveis a gênero.



Como vivem as crianças no Brasil

por Stella Sampaio

A infância é uma das fases mais marcantes da vida. Nascer, crescer, conhecer, aprender, socializar, rir e chorar. A partir do parto, a criança experimenta muitos verbos, interagindo com a realidade e sendo moldada por ela.

Toda criança tem direito a educação, segurança, alimentação, cuidado e amor. Mas qual é a realidade das crianças brasileiras? O que está além dos números e que requer nossa ação?

[FONTE] Dados do Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2019 da Fundação Abrinq | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018 - IBGE | Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan) | 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública

Como vivem as crianças no Brasil

17,1% da população brasileira é criança, são 35,5 milhões de crianças.

47,8% de crianças de 0 a 14 anos vivem em situação de pobreza

70% das crianças de zero a três anos não tem vaga em creches

2,5 milhões de crianças e adolescentes até 17 anos trabalham

14,4 é a taxa de mortalidade infantil (menores de um ano de idade) para cada mil nascidos vivos

11,7 mil crianças e adolescentes foram vítimas de homícidios em 2017

53,8% das vítimas de esturpo no Brasil em 2018 eram meninas de até 13 anos

12,9% das crianças de 0 a 5 anos estavam em situação de desnutrição e **7,1%** na mesma faixa etária eram consideradas obesas em 2017

83,5% das crianças vivem em áreas urbanas

Vale a pena conferir

diálogos.*abertos*

YouTube

Em nosso canal no YT você pode encontrar uma série de video com conversas e reflexões que gravamos com alguns amigos e parceiros de caminhada durante o segundo semestre de 2020.

ACESSE
bit.ly/dialogos-sociais

A seguir uma seleção que fizemos com conteúdos que tratamos durante o curso.

Vale a pena conferir

	copie e cole o link abaixo em seu navegador para acessar
Atendimento à pessoa em situação de rua durante a pandemia do Covid-19	bit.ly/atendimento-a-pessoa-de-rua
O que a pessoa em situação de rua espera de nós?	bit.ly/o-que-espera
Necessidade do outro - dependência emocional	bit.ly/necessidade-do-outro
Exploração da imagem de vulneráveis	bit.ly/exploracao-da-img
O homem em casa	bit.ly/homem-em-casa
Mídia e masculinidade	bit.ly/midia-e-masculinidade
Fármacos, Terapias e outros Guias: O que nos adoece? (parte 1 e 2)	bit.ly/o-que-nos-adoece1 bit.ly/o-que-nos-adoece2



MÓDULO 3 - RESPOSTA

DESENVOLVIMENTO PRÁTICO DE CONSTRUÇÃO DE AÇÕES DE INTERVENÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL



Primeiro coloque sua máscara

por Giovanna Bigarelli Martin

Uma fala muito comum nos grupos de apoio a cuidadores de pessoas enfermas é “se você não se cuidar, não haverá ninguém para cuidar de quem você ama”. Essa máxima parte da mesma lógica das instruções do comissário de bordo: coloque a máscara de oxigênio primeiro em você e depois auxilie quem está ao seu lado. Em ambos os casos, podemos refletir como é importante dar a devida

atenção à alguém que exerce papel fundamental no cuidado de outro. Especialmente nesse segundo exemplo, o “cuidador” não poderá ajudar ninguém se estiver desacordado, certo?

Porém, esse olhar de proteção ainda não é algo comum na vida de colaboradores especialmente do terceiro setor. Muito se pensa, conjectura, investe e cria para o beneficiário, mas as mais diversas demandas dos funcionários e voluntários, que são partes imprescindíveis no impacto das organizações, muitas vezes são negligenciadas ou deixadas em segundo plano.

Nos últimos anos, já era possível notar que a sociedade estava passando por um despertamento com relação ao cuidado do próximo, e isso era notável com o aumento de iniciativas sociais. Em 2018, por exemplo, os negócios de impacto social movimentaram cerca de US$ 63 milhões no mundo, com crescimento de 7% ao ano. E agora, em tempos de pandemia, muito se tem falado sobre a impossibilidade de voltarmos a viver como antes, ou seja, a tendência desse movimento ser acelerado é grande.

Sendo assim, precisamos expandir a missão das nossas organizações, para abranger as necessidades de todos os nossos stakeholders, ou seja, todos aqueles que estão envolvidos diretamente na organização. Nesse conceito estamos agregando nossos colaboradores, beneficiários e seus familiares, fornecedores, associados, diretores, comunidade ao redor, parceiros e afins. E dependendo do âmbito da atuação da organização, podemos pensar também nos “concorrentes”, porque mudamos o nosso olhar para uma atuação em rede. Entendo a minha atuação como peça de

uma rede maior, onde não quero ter vantagem para mim, mas gerar valor e transformação.

Certo, e de que cuidados estamos falando? Por favor, estamos falando de cuidado com o próximo, mas não estou sugerindo que você deva satisfazer as vontades de todo mundo! É preciso ter sabedoria para levantar demandas que de fato façam a diferença na vida dos agentes e que proporcionem para eles melhores condições de vida e trabalho. A verdade é que muitas vezes nem o próprio stakeholder conhece as suas necessidades e será importante sondar a fundo o que podemos estar negligenciando e o que pode estar impactando diretamente nos resultados da organização.

nicie sua investigação com aquele stakeholder mais importante para a sua organização. Você provavelmente vai perceber que você pode dar aquilo que ele precisa.

Vamos pensar em alguns exemplos práticos. Sua diretoria e associados podem precisar de mais informações sobre a sua atuação e os resultados alcançados, porque muni-los de mais informação poderá gerar simplesmente a visibilidade das suas atividades, melhora na credibilidade e na captação de recursos! Crie meios de comunicação com eles para prestar contas e demonstrar as conquistas através de relatórios, posts em redes sociais e emails.

E você já validou seu impacto na vida dos seus beneficiários com os familiares deles? Você poderá obter informações muito relevantes dialogando com quem mais os conhece. E ainda terá a oportunidade de expandir seu impacto, conhecendo a demanda de cada família. Quem sabe nessa sondagem você

descobre uma necessidade de grande impacto ao beneficiário e que pode ser atendida por um parceiro?

Com relação aos voluntários, um indicador importante pode ser a fidelidade deles ao projeto em que estão alocados. Se existe um fluxo grande de voluntários abandonando os projetos, fluxo esse chamado também de turnover, retome o contato com os que saíram e verifique o que pode ter ocasionado uma desistência. Um erro muito comum é a falta de alinhamento da coordenação da organização com o voluntário quando ele está se engajando no projeto, que gera frustração de expectativas e falta da capacitação mínima para execução das atividades. Preparar um momento de integração antes do voluntário iniciar o trabalho pode ser a solução.

E para funcionários, o indicador de turnover também é muito válido. Avalie o que pode estar desequilibrado na relação com este agente através de uma pesquisa interna, por exemplo. Geralmente, o descontentamento com o salário aparece nessas respostas, mas é importante mencionar que, exceto em casos de salários baixos, os aumentos de ordem financeira tendem não gerar um impacto positivo duradouro. Certifique-se através das médias de salários para a categoria em questão se realmente os salários estão deficitários. Você também poderá encontrar demandas para melhorar a comunicação interna, ofertar capacitação e ferramentas de trabalho, integração e tantas outras. Seja sábio em avaliar o que pode e o que deve ser feito.

Feita essa reflexão, não se desespere. Você provavelmente descobrirá muitas demandas, mas lembre-se de que existe uma rede, que talvez ainda precise ser tecida, para te ajudar a sanar tudo isso e que, mesmo assim, nem tudo poderá ser feito.

descobre uma necessidade de grande impacto ao beneficiário e que pode ser atendida por um parceiro?

Com relação aos voluntários, um indicador importante pode seOrganize as ideias, apresente elas para sua equipe, definam juntos as prioridades. Busque parceiros, empresas, amigos e a comunidade e apresente ordenadamente o que você precisa.Faça o seu melhor. Mas antes de tudo isso, verifique se você já colocou a máscara de oxigênio em você.



A maior das violências

por Thiago Neves

Para não ser omisso já início essa breve reflexão com a definição do assunto em pauta:

“Omissão é deixar de fazer ou dizer alguma coisa. Também pode ser entendido como deixar de lado, desprezar ou esquecer algo ou alguém. O Direito Penal entende por omissão algo que deixa de ser feito quando a pessoa estaria obrigada a fazê-lo por

norma jurídica, ou teria condições para tal. Pelo significado jurídico, a omissão é o contrário da ação. A ação é o agir positivo, e a omissão o agir negativo, a não-ação. Os sinônimos para omissão são: preterição, esquecimento, displicência, despreocupação, desleixo, negligência, desinteresse, lacuna, lapso, falha, falta, indiferença."

Vivemos numa sociedade onde essa violência (sim, a meu ver uma gravíssima violência) é mais do que comum e corriqueira, faz parte de nós, em nosso cotidiano nos relacionamentos interpessoais, profissionais e até mesmo familiares. Quão cômodo é passar por cima e fingir que nada aconteceu sobre toda e qualquer situação, principalmente àquelas que podem vir a trazer algum grau de comprometimento. Não queremos assumir mais uma responsabilidade, pois afinal temos muitas e podendo fazer "vista grossa" por que não evitar, não é mesmo!?

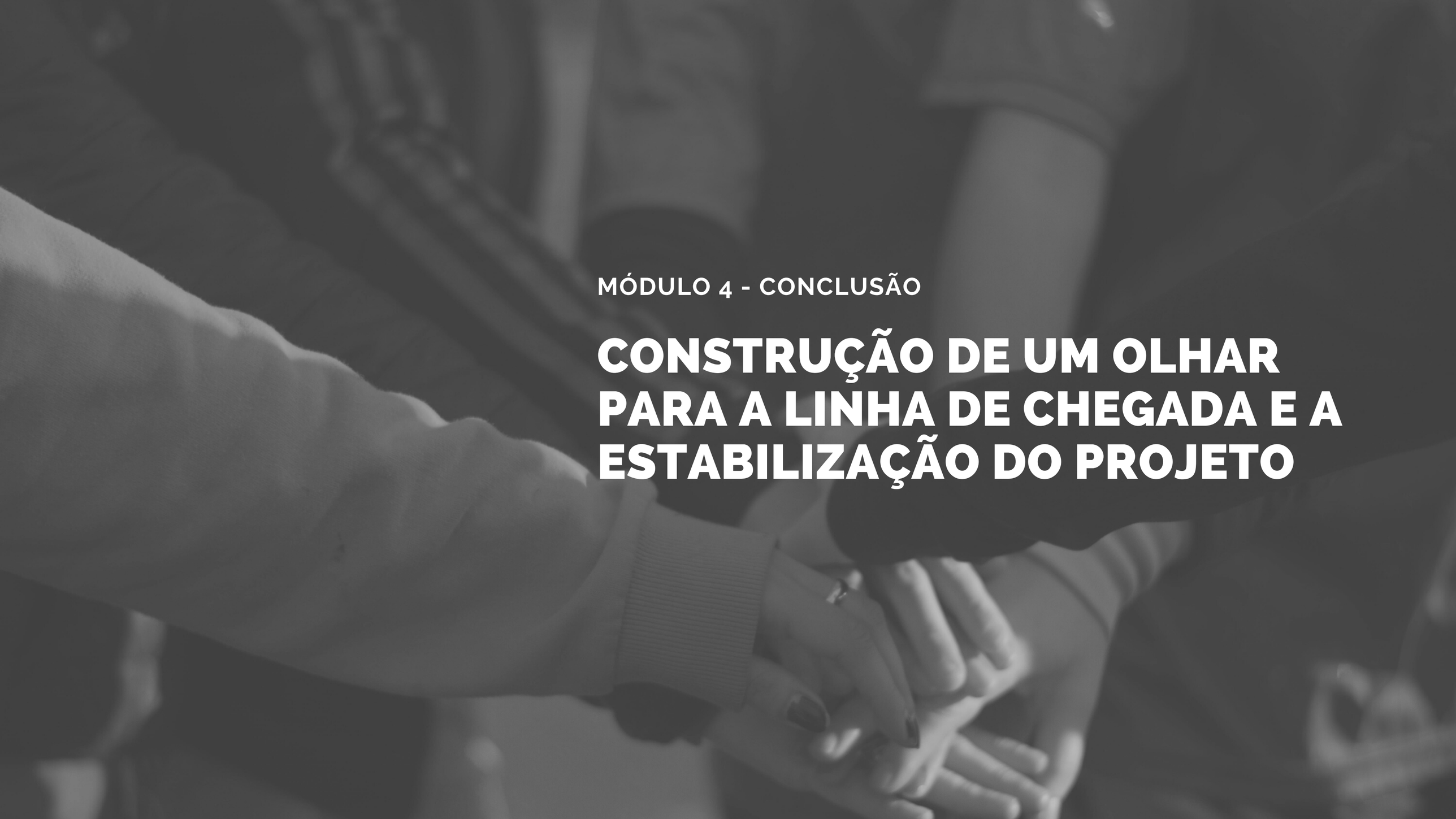
A omissão é extremamente prejudicial a todos, em especial aos que são por ela negligenciados. O ato da omissão é perverso e destrói as relações sociais dilacerando-as em todas as esferas. A omissão é sútil, vem disfarçada como sendo algo bom e positivo quando na verdade é uma das piores violências contra a humanidade, ela destrói, ela corrompe, ela mata. Como um agressor sexual a omissão também não tem cara, todos somos suscetíveis em algum momento de vida a sermos omissos seja lá qual for a circunstância.

Homens por sua natureza biológica e divina têm um instinto próprio de proteção e liderança. O que fica contraditório quando então analisamos o quantitativo, ao menos no Brasil, de violência doméstica, feminicídio, estupros e demais agressões sexuais contra mulheres, crianças, adolescentes e LGTB's. Aqui mais uma vez reina a omissão.

E não é necessário esmiuçarmos dados estatísticos ou pesquisas científicas para chegarmos a essa conclusão, bastar ligarmos em qualquer canal de TV para assistirmos a barbárie de mais uma minoria social sendo agredida, molestada, violada, morta e, assustadoramente, ninguém sabe e/ou viu nada. De fato, como bem cantou Renato Russo: “Que país é este?”

Tomo a liberdade de complementar: Que sociedade é essa? Que mundo é esse? Que humanidade é essa? Aqueles que deveriam proteger em grande maioria das vezes são os que mais agridem literalmente, onde mais uma vez impera a omissão. A omissão é implícita e se existe alguma violação de direitos ela se faz presente com toda certeza.

Em briga de marido e mulher (por exemplo) se mete a colher sim! Se há alguma violação de direito seja ela qual for o mínimo que devemos fazer enquanto cidadãos, enquanto seres humanos, é denunciar. Buscar ajuda de quem pode intervir de forma sistemática pode salvar vidas. Profissionais do setor público e privado que estão na linha de frente com atendimento à população e poder público não devem de maneira alguma ser coagidos por estruturas de poder ilegítimas assim deixando de exercer seu papel de direito, enquanto agentes sociais dotados de autoridade legal deve-se intervir para romper com o ciclo de violência vigente, não sendo mais uma reforçador e multiplicador da omissão. A omissão é a pior de todas as violências, ela não tem cara, ela mata! Não seja omisso! Seja humano!



MÓDULO 4 - CONCLUSÃO

CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR PARA A LINHA DE CHEGADA E A ESTABILIZAÇÃO DO PROJETO

Deixe o mundo ver

diálogos.*abertos*

YouTube

Vivendo em sociedade tudo comunica! E uma boa comunicação e o bom design podem ser aliados na busca por soluções para desafios sociais.

ACESSE
bit.ly/dialogos-sociais

A seguir uma seleção de conversas e reflexões com assuntos que tratamos durante o curso.

Deixe o mundo ver

copie e cole o link abaixo em seu navegador para acessar

Comunicação e Design: Ferramentas para transformar realidades	bit.ly/comunicacao-e-design
Comunicação Efetiva	bit.ly/2W93PXc
Design é sobre pessoas	bit.ly/design-sobre-pessoas
Negócios Sociais, Gestão Financeira e Cuidado Humano	bit.ly/negocios-sociais-financas
Exploração da imagem de vulneráveis	bit.ly/exploracao-da-img

links sugeridos durante a discussão dos projetos

copie e cole o link abaixo em seu navegador para acessar

https://www.geledes.org.br/instituto-avon-e-minutoad-lancam-o-concurso-em-briga-de-marido-e-mulher-se-mete-a-colher/

https://www.avon.com.br/instituto-avon/violencia-contra-mulheres?sc=1

https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/violencia/programa-mulher-viver-sem-violencia/programa-2018mulher-viver-sem-violencia2019

https://www.youtube.com/watch?v=Hc9-QwsQYig

Vamos continuar esse diálogo?

www.dialogossociais.com

dialogos.sociais

bit.ly/dialogos-sociais

Diálogos Sociais
CNPJ: 34.188.125/0001-09

Atendimento
Segunda à Sextadas 9h às 18h

Contatos:[whatsapp]
+55 31 9 8760-2781
contato@dialogossociais.com


diálogos
sociais